Entre telas e escritos. Um pouco de Carme

Suzy Lagazzi*

Carme Schons (in memorian)

Resumo

Este artigo apresenta um trajeto de leitura por um recorte da obra de Carme Schons. Entrelaçando seu projeto de pós-doutorado com as telas Caminho, Lágrima no rio e Tango, mobilizo os conceitos de contradição e resistência para contribuir na tarefa de falar um pouco mais de alteridade e subjetividade.

Palavras-chave: Carme Schons. Análise do discurso. Resistência. Contradição. Luta, vida e morte.

Um caminho de abertura

Figura 1 - Caminho1



Data de submissão: mar. 2016 - Data de aceite: maio 2016

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v12i1.5927

^{*} Professora Assistente Doutora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas desde 1999. Pesquisadora Associada do Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) do Nudecri da Universidade Estadual de Campinas desde 1998. Integrante do Centro de Pesquisa PoEHMaS - Política, Enunciação, História, Materialidades, Sexualidades, do IEL/Unicamp. Líder do Grupo de Pesquisa O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes na história (CNPq). E-mail: slagazzi@gmail.com

[...] um caminho que tanto eu quanto ela temos da memória da infância no interior do Rio Grande do Sul [...] falávamos sobre isso e compartilhávamos desse imaginário rural e até bucólico [...] ela quis eternizar aquele momento nostálgico, regado a um bom vinho, em uma noite de primavera em Passo Fundo, quando falávamos de nossas peraltices de juventude pelas estradinhas do interior: elas nos pareciam ora infinitas, inalcançáveis; ora lugar dos sonhos, caminhos possíveis [...] (VERLI PETRI, 2016).

Ao buscar caminhos para falar de Carme Schons, deparei-me com a beleza, a sensibilidade, a forca, a determinação de enfrentar o "inexorável" em brechas que se abriam em possibilidades de fazer a vida pulsar. 'Inexorabilidade'. Uma palavra que Carme trouxe em seu projeto de pós-doutorado e que me capturou. Carme falava de "um patamar de inexorabilidade", de "ir em direção à adversidade e à inexorabilidade". Fui ao dicionário algumas vezes para tentar fazer o sentido caber. E confesso que ainda agora me debato com a dureza dos sinônimos: inflexibilidade, imutabilidade, inevitabilidade, incurabilidade, inelutabilidade. E, no entanto, Carme lutava. Nesse patamar de inexorabilidade, Carme fazia a vida habitar em seu sorriso, em seus projetos, em seus escritos, em suas telas.

Em Caminho, a tela que apresento e da qual Verli Petri nos fala, o trajeto se faz convite. O caminho abre-se em luminosidade. Nem ponto de partida nem chegada. O caminho segue em um movimento em aberto. Da mesma forma que o espaço não se limita, tampouco o tempo fica registrado nessa composição. Temos

o tempo da projeção, de um caminho que será percorrido, também da retrospecção, de caminhos já percorridos e, ainda, de um presente irrealizado nesse caminho em aberto, que se dá como convite.

Podemos pensar aqui no irrealizado proposto por Michel Pêcheux? O alhures de que tanto gosto? Sempre retomei o alhures para falar da resistência. Será esse o caso aqui? No caminho irrealizado proposto por Carme, há algo que resiste?

A tela de Carme nos significa em meio à história de Carme. Uma história marcada, sim, por resistência. História de luta, de busca por cura, em um corpo que nunca se entregou à imutabilidade, e que fez da adversidade um mote para o movimento dos sentidos. O inexorável fez-se projeto para Carme, e a contradição colocou-se em pauta.

O encontro com o alhures na obra de Pêcheux (1990a) levou-me a repensar o trabalho da resistência. Era o momento de minha tese,2 e o par resistência/oposição há muito me incomodava. Naquele momento, eu insisti em buscar sentidos para a resistência fora da oposição, afirmando que o sujeito resiste em uma determinada posição, resiste a alguma coisa, contra uma mudança, mas também para uma mudança. Esse jogo de transitividade afirmava a insuficiência da oposição no idealismo do voluntarismo, e reiterava a necessidade de investir no simbólico. Compreender a resistência na ordem do simbólico, a partir de Pêcheux (1988, 1990a),3 permitiu-me dar uma dimensão bem mais larga à

resistência, uma dimensão forte para pensá-la em seu enlaçamento contraditório, como constitutiva do sujeito, fora de qualquer idealismo.

A contradição em pauta demanda que o olhar se divida sempre, que a unidade dos sentidos se faça necessariamente equívoca. Impossibilidade de síntese, repito incansável! Pêcheux ressaltou "a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico [sic]" (1990b, p. 55). Contradição e alteridade se encontram no desencontro.

A tela Caminho, em sua composição, impele-nos a perguntar pelo sujeito a quem se dirige o convite, no espaço e tempo não delimitados que a tela recorta. Tendo como princípio analítico a remissão do intradiscurso ao interdiscurso,4 ressalto que a memória discursiva na qual a tela se produz em sentidos hoje, em relação à história de Carme, traz como pré-construídos os binômios doença/morte e luta/vida. Binômios que, no fio do discurso, relacionam-se em contradição e nos dizem de uma doença que habitava a vida em uma luta que levou à morte. Luta e luto. Na contradição, Carme resistiu. A contradição lhe permitiu a resistência no simbólico. Na lida com a doença, Carme ancorou-se na luta em busca de vida, buscando também descolar o binômio doença/morte de uma antinomia redutora.

Para todos os que conheceram Carme, vale interpretar a tela *Caminho* nesse trajeto de leitura marcado pela contradição, em que o significante 'doença' tentou bravamente ali(nh)ar-se aos significantes 'luta' e 'vida', em uma relação de sobredeterminação dos últimos.

O sujeito do convite, nesta minha leitura de *Caminho*, é um sujeito constituído de uma alteridade contraditória, determinada pelo sentido de luta e de possibilidade de vida. A luminosidade, na tela, produz um efeito de abertura, demandando o sujeito pelo que pode vir a ser em uma aposta de um percurso que não se interrompe. É o alhures afirmando-se em sua possibilidade de realização. O alhures que tanto me diz, que tanto nos diz, a todos os que se filiam a uma leitura que se atravessa pela incompletude, pela contradição e pelo inconsciente.

E como retomar o inexorável? O que não pode não ser de outro modo? Carme falava em "ir em direção à adversidade e à inexorabilidade". O inexorável irrompe formulando um real não apreendido, mas o tempo todo confrontado.

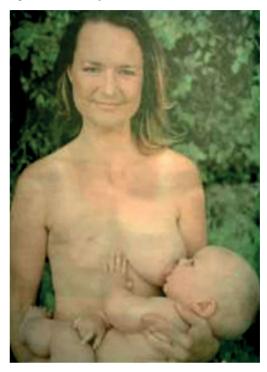
A inexorabilidade no corpo

Em seu projeto de pós-doutorado,⁵ Carme apresenta a proposta de "analisar o corpo pelo viés discursivo, especificamente, pelas discursivizações sobre a mutilação feminina", com enfoque especial para os saberes naturalizados na sociedade, as projeções imaginárias e a subjetividade dos sujeitos envolvidos. "O interesse desta pesquisa", dizia Carme, "é o de centrar o estudo do corpo

via palavras, via narrativas. A palavra emitida pelo corpo carrega manifestacões do sujeito e revela inscrições de sua subjetividade". Carme falava do corpo simbólico, em que o fisiológico está já sempre significado. E, nessa concepção, a narrativa de mulheres mastectomizadas era um espaço de importante compreensão do sujeito, das imagens do corpo e sobre o corpo que o determina no confronto com a vida. "Em razão disso", complementa Carme, "[...] no entrelaçamento do verbal (narrativas) e do visual (corpo-imagem), pretendemos observar e analisar as produções de sentidos em seus processos discursivos". Um projeto tão forte quanto as razões que moviam a pesquisadora. Um projeto que não teve tempo de se realizar.

Carme disse muito sobre o entrelacamento entre o verbal e o visual já na abertura do seu projeto, em que título, imagem e epígrafe imbricam-se de maneira sintomática. O título de seu projeto nos convoca: Os desafios da mutilação: projeção imaginária e subjetividade em narrativas de mulheres mastectomizadas. No campo do verbal, 'mutilação' é o significante que se apresenta no título em relação metafórica com 'mulheres mastectomizadas'. Não há relativização. Mastectomizar é mutilar. No confronto do sujeito com o corpo, é o 'corpo mutilado' o real que demanda significação. Não à toa, o inexorável vai tomar seu lugar. Carme não se poupa, e não nos poupa. No campo do visual, a fotografia reproduzida na Figura 2 abre o seu texto.

Figura 2 - Mutilação e Vida



Fonte: Projeto de pós-doutorado de Carme Regina Schons, 2014.

A fotografia se diz na contradição. Desafia o olhar que oscila entre a falta e a abundância no mesmo corpo. Um desencontro que desorganiza sentidos. Uma divisão que barra qualquer síntese. O peito ausente nos fala de um corpo mutilado, e o peito que nutre nos fala de ter vida e dar vida, cada um fazendo referência ao outro. Uma imagem que fala da mutilação, ressaltando a vida na alteridade constitutiva do gesto de amamentação. Um peito que falta no corpo da mãe, mas que não faz falta na relação entre ela e o(a) filho(a). O peito presente preenche e sacia. O que falta,

então? Nessa formulação visual, a falta n(d)a mãe se desestabiliza pela relação de alteridade entre ela e o(a) filho(a). Como significar a mutilação, neste caso em que a doença se alia à vida?

Logo após apresentar essa fotografia, Carme traz Foucault, em *Microfísica do poder*, com O nascimento da medicina social:

O que é governar um navio? É certamente se ocupar dos marinheiros, da nau e da carga; governar um navio é também prestar atenção aos ventos, aos recifes, às tempestades, às intempéries, etc. (1999, p. 283).

Ventos, recifes, tempestades, intempéries. Desafios que são, ao mesmo tempo, adversidades que podem levar um navio ao naufrágio, à morte, mas também adversidades que podem ser contornadas para que a viagem chegue a seu porto, em um brinde à continuidade da vida. Entre a vida e a morte, a mutilação demanda ser enfrentada e significada.

Essa epígrafe de Foucault nos traz o binômio vida/morte, assombrando, de certa forma, a fotografia apresentada em sua pujança de vida, mas de uma maneira menos contundente que a radicalidade presente no título. Fotografia, epígrafe e título compõem uma abertura sensível e contraditória para a discussão da mutilação.

Em seu texto, Carme pergunta pela "representação que as mulheres mastectomizadas fazem de seu corpo nas relações consigo mesmas e com o outro", e ressalta os deslizamentos de sentidos no uso da designação 'mutilação' em

narrativas dessas mulheres. Vamos às palavras de Carme:

Ao lado do corpo como existência de carne, de vida, surge como um efeito de (im) possibilidade de desejar, de simbolizar, de ser vista e, por conseguinte, de "morte" em vida. A contradição de estar "morta e viva", simultaneamente, emerge como efeito de um processo de sujeição e de objetivação do sujeito mutilado. Com o corpo "machucado", com o corpo deformado, as relações estabelecidas com a produção dos modos de sentir, pensar e agir, na vida, manifestam-se também mutiladas.

É necessário lembrar que na palavra mutilação, em contextos de uma investida contra si mesma, em momentos de extrema tensão, há o viés de uma direção contrária (adversidade) a si mesma. É a ideia de adversidade que pensamos trabalhar nos textos das entrevistadas, os efeitos dessa adversidade (ação própria de adversário do corpo). Entendemos que a palavra mutilação já se situa num patamar de inexorabilidade. Falar em "gestão dos corpos" significa tratar de certa ordem social, na qual o corpo é o lugar de prestação de contas, de vigilância regular; lugar de integridade, de desarranjo do sistema no interior do corpo social. A realidade de corpos enfermos irrompe no meio do discurso científico, que também é lugar de manifestação do sujeito: de sua condição de vida e de sua autoimagem, como princípio de individuação.

Para a Análise do Discurso (AD), como o simbólico investe os lugares de memória, o corpo, enquanto materialidade significante, funciona como lugar de memória discursiva. O modo como o sujeito, em seu imaginário, representa seu corpo nas relações consigo e com o outro, deixa o testemunho da presença de um dizer que nos propicia um lugar de interpretação.

Finalizando, com esta proposta de trabalho, ao observamos deslizamentos de sentidos no uso da designação 'mutilação', nas narrativas de mulheres mastectomizadas, pretendemos ir em duas direções: a) da detecção precoce, em vez do tratamento; b) da adversidade, da inexorabilidade.

Estes recortes do projeto de pósdoutoramento apresentado por Carme nos dizem muito da luta contraditória que a habitava:

O corpo como lugar de vida e desejo na (im) possibilidade desse desejo e dessa vida. O corpo como lugar de mutilação em sentidos que deslizam. O corpo adversário de si, lugar de se dizer e de prestar contas, lugar de integridade e de desarranjo. O corpo, materialidade significante produzindo memória. O corpo se representando para o eu e o outro, testemunho de alteridade.

Um corpo que se nega e se afirma ao mesmo tempo. Muita dor em meio a muita luta! E nesse patamar de inexorabilidade, Carme queria enfrentar o inexorável: barrar a doença, indo "na direção da detecção precoce". Desejo de vida transformado em projeto de pesquisa. Chamo a atenção para duas perguntas que Carme nos lança em seu projeto: "De que forma pessoas desassistidas conseguem suportar e se projetar, do lugar discursivo de onde falam, sobre suas dores, sobre suas lutas, sobre seus sofrimentos? De onde vem tanta coragem?". Perguntas que escapam ao campo do científico e desorganizam sua discursividade. Perguntas que não caberiam em um projeto de pesquisa, mas que lá estão. Perguntas da ordem do subjetivo, sintomas de uma resistência em movimento.

"Como suportar as dores e sofrimentos? De onde vem tanta coragem?" Perguntas que talvez Carme fizesse a si mesma. Quero me dar o alento de pensar que um dos modos de respondê-las está em seu gesto de pintar. Escolho, assim, mais duas telas que, com *Caminho*, compõem este meu/nosso olhar para Carme: *Lágrima no rio* e *Tango*.⁶

O corpo fala, inexoravelmente...

Em *Caminho*, propus a interpretação pelo alhures, pensando o vir a ser em um convite a um percurso sem começo e sem fim, nem partida nem chegada, um trajeto em aberto no espaço e no tempo, uma história de resistência no "inexorável" que irrompia em Carme.

No batimento entre descrição e interpretação, na tela *Caminho*, ressaltei que a luminosidade é um elemento marcante, que produz um efeito de abertura, e que me permitiu projetar um sujeito determinado contraditoriamente pelo sentido de luto e luta, um sujeito que se lança num percurso que se abre à sua frente, em sentidos de vida.

Lágrima no rio (Figura 3) estabelece outra relação de interpretação. É uma tela que se impõe no olhar direto que nos fita e nos faz mergulhar pupila adentro. Tanto quanto o hipnotismo desse olhar, também a lágrima nos captura em sua descida rumo ao alvo que deságua em rosa. Tomando conta das águas e da tela, a cor rosa responde ao cinza que beija o azul e o lilás, responde ao chumbo e ao preto que marcam o espaço do olhar e do chorar. Um olhar que também nos pega no colorido da íris, que prenuncia o rosa, sem, no entanto, nos dar a dimensão de

sua força. O inusitado das cores no inesperado das formas compõe essa tela que arrebata o sujeito na divisão sem marca entre o choro e o gozo. Significantes que rimam no pulsar de um corpo em movimento pelo desejo e pela dor. Contradição à flor do corpo, em uma tela ao mesmo tempo dividida e integrada em suas formas e cores.

Figura 3 – Lágrima no rio



Fonte: fotografia de tela de Carmem Regina Shons.

Também em *Lágrima no rio*, o alhures permite-me a fluidez da leitura no movimento da contradição. Uma fluidez que impacta no confronto dos significantes em tela e na remissão desses significantes que marcam o intradiscurso no inter-

discurso. Choro e gozo compondo-se em cor, em sentidos de dor e desejo, em uma resistência que toma corpo na alteridade, espaço do outro no eu, do eu no outro. A dor no choro, o desejo no gozo. Choro de desejo, gozo de dor. Parafraseando Pêcheux (1990b, p. 55), a "insistência do outro" é a lei do simbólico.

O que dizer do inexorável em *Lágrima* no rio?

Nomeei esta seção com o advérbio 'inexoravelmente' para ressaltar que o corpo fala. Voltando ao rol de sinônimos que me impactaram quando busquei o sentido de 'inexorabilidade' no dicionário, sou pega pelo 'inevitável' que habita o 'inexorável'. O corpo fala, inevitavelmente... Lágrima no rio nos olha na inevitabilidade de que o corpo fala. Nessa tela, Carme fez explodir essa relação entre corpo e sentido pela pintura.

Das palavras às formas em cor, o inevitável do simbólico faz-se presente em Carme. O inevitável da contradição entre sua luta e seu luto, entre desejo e dor, choro e gozo. Limites limítrofes, deslimites que irrompem no deslizar da cadeia significante em seu projeto de pós-doutorado e nas telas aqui analisadas, no cruzamento entre metáfora e metonímia, entre recalque e falta.7 Na falta constitutiva da cadeia significante, o efeito metafórico vai se encadeando na impossibilidade de que objeto e desejo se recubram. O que vemos no trabalho de Carme é imbricação, para tomar uma palavra que me é muito cara, entre luto, dor, choro, luta, desejo, gozo. No imprevisto, o alhures se realiza.

Ressaltei esses deslizes significantes no projeto de Carme e nas telas *Caminho* e *Lágrima no rio*. Na sequência, meu olhar faz parada na tela *Tango* (Figura 4), que me fala do corpo no inevitável do desejo. Uma tela que me seduz pela temática e pelos sentidos que projeta.

Figura 4 - Tango



Fonte: fotografia de tela de Carmem Regina Shons.

Também na tela *Tango* o convite está posto, mas formulado por outra relação significante. A posição dos corpos nos diz de um enlace em tensão, uma pose que fecha uma sequência e, ao mesmo tempo, constitui-se em ponto de retomada para que os corpos possam sair em novo movimento. Uma parada que dura o tempo de um encontro.

Na dança, podemos falar de um marco zero do movimento, que é condição para que o corpo entre em sintonia e a dança aconteça.⁸ É no limite entre o repouso e o movimento que a sintonia dá espaço para a dança. Na verdade, é no deslimite que a dança acontece. Dançar é compor movimento e repouso incessantemente.

Em Tango, temos uma parada em sincronia, corpos em sintonia sustentando-se no equilíbrio de um no outro. Uma pose de dança que desliza para a conjunção dos corpos. No enlace, o encontro no inevitável do desejo, ressaltado na sutileza dos detalhes. Na perna que enlaça o corpo do outro, a marca explícita da sedução. No braço que abraça, o aconchego da entrega. Os corpos juntam--se no movimento do desejo e do prazer, na parada da pose que os enlaça. Um e outro em contiguidade. Mas, no limite do toque que une, dá-se a impossibilidade da síntese. Um convite para o encontro em um corpo que se faz desejo, em uma busca pelo que falta sempre. Encontro irrealizado do que pode vir a ser. Na alteridade, a busca do eu no outro, com o inexorável sempre presente.

Carme enlaça-me nesse tango. No desejo que pulsa nessa tela, Carme marca sua resistência, deslizando em significantes de vida na materialidade da dança simbolizada.

A pausa pelo inexorável. Uma parada necessária

Esse percurso com Carme Schons tomou-me em sentidos que eu não imaginava. Fui me enredando em suas palavras e em sua pintura, sendo tocada pela sensibilidade que sempre pautou o seu trabalho.

Uma interpretação que eu trago a partir de uma luta da qual não sei detalhes, mas que foi se mostrando em seus escritos e em suas telas. O trajeto por *Caminho*, *Lágrima no rio* e *Tango* me encantou. Este texto apresenta uma interlocução que se realiza na densidade da falta. Presença em uma ausência que vai sendo cada vez mais sentida, por aquilo que poderia ter sido. Uma compreensão do alhures que beira a ironia.

Entre des toiles et des écrits. Un peu de Carme

Résumé

Cet article présente un parcours de lecture à travers une partie de l'oeuvre de Carme Schons. Entrelaçant son projet de post-doctorat avec les toiles *Caminho*, *Lágrimas no rio* et *Tango*, je mobilise les concepts de contradiction et de résistance afin de contribuer à la tâche de parler un peu plus d'altérité et de subjectivité.

Mots-clés: Carme Schons. Analyse du discours. Résistance. Contradiction. Lutte, vie et mort.

Notas

- ¹ Todas as figuras deste trabalho são fotografias de tela de Carmem Regina Shons.
- ² LAGAZZI, Suzy. A discussão do sujeito no movimento do discurso. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- Mais uma vez reafirmo a parceria extremamente profícua entre Delimitações, inversões, deslocamentos (PÊCHEUX, 1990a) e o Anexo III de Semântica e discurso (PÊCHEUX, 1988).
- Sobre a remissão do intradiscurso ao interdiscurso, cf. Lagazzi (2015a, 2015b).
- 5 SCHONS, Carme Regina. Os desafios da mutilação: projeção imaginária e subjetividade em narrativas de mulheres mastectomizadas. 25p. Projeto de Pós-doutorado (Análise do Discurso) Departamento de Linguística do IEL da Unicamp, Campinas, 2014.
- ⁶ Agradeço a Evandra Grigoletto o contato feito com João Felipe Schons. Agradeço a João Felipe a delicadeza do envio das fotos das telas.
- Discuto essa relação de cruzamento entre a metáfora e a metonímia na cadeia significante em Lagazzi (2013a, 2013b, 2014).
- Santos Brandes (2013), sob minha orientação, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

Referências

BRANDES, A. R. S. *Corpo-dança*: um olhar discursivo. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: _____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 46-56.

LAGAZZI, S. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. In: LAGA-ZZI, S.; ROMUALDO, E.; TASSO, I. (Org.). Estudos do Texto e do Discurso. O discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau,

Pêcheux. São Carlos: Pedro & João, 2013a. p. 311-331.
A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. <i>Redisco</i> , Vitória da Conquista: UESB, v. 2, n. 1, p. 104-110, jan./jun. 2013b.
Metaforizações metonímicas do social. In: ORLANDI, E. (Org.). <i>Linguagem, sociedade, políticas</i> . Pouse Alegre: Univás; Campinas: RG Editores, 2014. p. 105-112.
A imagem em curso. A memória em pauta. In: TASSO, I.; CAMPOS, J. (Org.). Imagem e(m) discurso. A formação das modalidades enunciativas. Campinas: Pontes, 2015a. p. 51-65.
Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. (Org.). <i>Análise de discurso em rede</i> : cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2015b. p. 177-189.
PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988. p. 293-307.
Delimitações, inversões, deslocamentos. <i>Caderno de Estudos Linguísticos</i> , Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990a.
O discurso: estrutura ou aconteci-